



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO LETRAS

PAULA DAIANE DE AMORIM PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NOS CONTOS PRECIOSIDADE E A
LÍNGUA DO “P” DE CLARICE LISPECTOR**

Porto Nacional
2017

PAULA DAIANE DE AMORIM PEREIRA

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NOS CONTOS PRECIOSIDADE E A
LÍNGUA DO “P” DE CLARICE LISPECTOR

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* de Porto Nacional, como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras: Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.
Professora Orientadora: Ms. Maria da Glória de Castro Azevedo

Porto Nacional
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P436r Pereira, Paula Daiane de Amorim.

A representação social da mulher nos contos Preciosidade e a Língua do P de Clarice Lispector. / Paula Daiane de Amorim Pereira. – Porto Nacional, TO, 2017.

20 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2017.

Orientador: Maria da Glória Castro Azevedo

1. Literatura Brasileira. 2. Autoria feminina. 3. Clarice Lispector. 4. Contos.
I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TERMO DE APROVAÇÃO

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NOS CONTOS PRECIOSIDADE E A LÍNGUA DO “P” DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso aprovada como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras: Língua Portuguesa e respectivas literaturas, pela Comissão formada pelos seguintes professores:

Data de aprovação: 12 junho de 2017

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria da Glória de Castro Azevedo

Prof.^a. Dr.^a. Olivia Aparecida Silva

Prof.^a. Dr.^a. Maria Perla de Araújo Morais

Dedico este trabalho aos meus professores de graduação, pois foi através deles que consegui chegar aonde cheguei. Cada palavra, até mesmo as mais duras, ditas por eles, me fizeram olhar de uma forma diferente para o mundo; um olhar crítico, questionador, mas também sensível. Dedico também, aos meus colegas de curso, que me apoiaram e me incentivaram a não desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que está sempre comigo em minhas caminhadas, e minha família, meu marido e filhos que me inspiram a lutar e seguir em busca dos meus objetivos.

Agradeço ainda a meu pai, Domingos Luiz, que está sempre me apoiando e incentivando a ser uma pessoa determinada.

Aos meus professores

RESUMO

O presente trabalho de cunho bibliográfico trata da representação da mulher a partir da literatura brasileira, especificamente dos contos Preciosidade e A língua do “P”, de Clarice Lispector, escritos na década de 60 e 70. O objetivo central deste estudo bibliográfico é analisar o papel social da mulher, a partir das protagonistas femininas dos contos em evidência. Com base nas interpretações dos textos, buscaremos compreender as problemáticas sociais apresentadas pela autora, revelando assim, as experiências do ser mulher num mundo de dominação masculina, além de retratar temáticas como, solidão, abuso e o silenciamento da mulher nas obras em estudo. A relevância deste trabalho justifica-se em lançar luz sobre como as temáticas tratadas nos contos entrelaçam-se no cotidiano real do mundo feminino. E mais, embora tenham sido escritos em décadas passadas, ainda são problemas da sociedade atual, pertinentes a amplos debates e decisões resolutivas quanto a violência sofrida pelas mulheres, seja física ou simbólica. Em suma, conclui-se que a escrita clariceana problematiza o mundo feminino ao trazer um olhar crítico, aguçado com histórias repletas de minúcias sobre o cotidiano das protagonistas femininas de suas obras. Dessa forma, ela provoca no leitor uma inquietude e ao mesmo tempo revolta, a cada vez que nos apresenta uma possível realidade representada na literatura.

Palavras-chave: Contos. Clarice Lispector. Representação feminina. Dominação masculina. Silêncio.

ABSTRACT

This bibliographic work deals with the representation of women from the perspective of Brazilian literature, specifically the short stories *Preciousness* and *A língua do "P"*, by Clarice Lispector, written in the 60's and 70's. social role of women, from the female protagonists of the stories in evidence. Based on the interpretations of the texts, we will seek to understand the social problems presented by the author, thus revealing the experiences of being a woman in a world of male domination, in addition to portraying themes such as loneliness, abuse and the silencing of women in the works under study. The relevance of this work is justified in shedding light on how the themes addressed in the stories are intertwined in the real daily life of the female world. What's more, although they were written in past decades, they are still problems of today's society, relevant to broad debates and resolute decisions regarding the violence suffered by women, whether physical or symbolic. In short, it is concluded that Clarice's writing problematizes the female world by bringing a critical look, sharpened with stories full of minutiae about the daily life of the female protagonists of her works. In this way, it provokes in the reader a restlessness and, at the same time, revolt, each time it presents us with a possible reality represented in literature.

Keywords: Tales. Clarice Lispector. Female representation. Male domination. Silence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	133
2 DESENVOLVIMENTO.....	Erro! Indicador não definido.4
2.1 Relatos acerca da vida da autora	Erro! Indicador não definido.4
2.2 Personagens clariceanas	15
2.3 Mulheres sozinhas em espaços públicos: uma análise dos contos.....	15
3 CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

As obras de Clarice Lispector, em sua maioria, abordam o papel social da mulher. De forma intensa, a autora procura demonstrar como as imposições patriarcais reforçam as vulnerabilidades e as violências sofridas pelas mulheres. Com uma criticidade aguçada, suas obras demonstram que, caso a mulher seja obediente às imposições sociais vigentes há décadas, nada poderá acontecer-lhes de errado, pois sustenta-se o discurso autoritário que sua obrigação é obedecer aos homens, seja ele, o pai, o irmão, o avô, o marido, o chefe.

Nesse sentido, a escrita clariciana lança luz à problemática da representação feminina na sociedade brasileira, contemporânea, motivos estes que motivaram o estudo de dois contos da autora. Para tanto, selecionamos dois contos para a realização desse estudo: *Preciosidade*, presente na obra *Laços de Família* (1960) e *A língua do "P"*, de *A Via Crucis do Corpo* (1974), para analisarmos o cotidiano das protagonistas femininas. Ressalta-se que, embora as obras tenham sido escritas na década de 60 e 70, os questionamentos continuam atuais e relevantes, pois reforçam o quanto os textos da autora são atemporais.

Por se tratar de um artigo de conclusão de curso, este estudo não terá a profundidade que merece, ou seja, seu fôlego será curto, todavia, preocupa-nos aqui as imposições sociais marcadas nas personagens, fazendo com que a mulher viva num mundo de silenciamento, no sentido de não terem força, nem voz. Entretanto, ao mesmo tempo, nota-se nas personagens uma tomada de consciência, uma inquietude, um tentar desabrochar, uma visão de possibilidades, porém sem forças.

Sendo assim, o objetivo central deste estudo bibliográfico é analisar o papel social da mulher, a partir das protagonistas femininas dos contos em evidência. Com base nas interpretações dos textos, buscaremos compreender as problemáticas sociais apresentadas pela autora, revelando assim, as experiências do ser mulher num mundo de dominação masculina.

Como fundamentação teórica, nos alicerçaremos nos trabalhos de Heloisa Buarque de Hollanda (1994), Nádia Battella Gotlib (1994), Lucia Castello Branco (1994), Ana Luiza Andrade (1994), Lúcia Helena Vianna (1994), Lucia Helena (1997), Donte Moreira Leite (2000) e Posfácio de Affonso Ávida (2009).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Relatos acerca da vida da autora

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, na aldeia Tchetchenilk, no ano de 1920. Migrou para o Brasil, em Recife foi onde a escritora passou a infância. Clarice tinha 12 anos e já era órfã de mãe quando a família se mudou para o Rio de Janeiro. Entre muitas leituras, ingressou no curso de Direito, formou-se e começou a colaborar em jornais cariocas. Em 1943 publicava sua primeira obra: “Perto do coração selvagem” (1943).

Em 1960 publicou o livro *Laços de família*, composto por treze contos e em 1974 publicou a obra *A Via Crucis do Corpo* composta também por treze contos. Essas obras trazem pontos de vista e elementos bastante variados sobre as relações e os conflitos interpessoais a partir da posição social desempenhada pela figura feminina. Para explicar algumas discussões sobre a representação do feminino, seleciono dois contos: Preciosidade e A língua do “P”.

Essas narrativas problematizam a representação feminina centrada na visão patriarcal da sociedade e, conseqüentemente, são pertinentes para se analisar a obra de Clarice Lispector, haja vista que a escritora é, de fato, uma problematizadora do papel social da mulher na sociedade e assim como HELENA (1997, p. 109) acreditamos que a obra de Clarice Lispector:

“ao falar sobre a condição da mulher, e ao inscrevê-la como sujeito da estória e da história – não se limita à postura representacional de espelhar tal qual o mundo patriarcal e denunciá-lo, como se mergulhássemos nas águas de uma narrativa de extração neonaturalista. Nela se constrói isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre a literatura e a realidade” (HELENA, 1997, p. 109).

No Brasil, mais especificamente no final dos anos sessenta, o tema do feminino se impôs em todas as áreas de conhecimento. A mulher começa a ganhar espaço na literatura, seja como objeto de representação, como autora ou como leitora.

Ainda que o feminismo como ideologia política possa ser identificado desde o século XIX, é nestas duas últimas décadas, exatamente num momento em que se fala de forma categórica, sobre o “fim da ideologia” e sobre a ineficácia dos discursos contestatórios, que o pensamento feminista surge como novidade no campo acadêmico e impõe-se como uma tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico e político. (HOLLANDA, 1994, p. 7)

Na tentativa de compreendermos o universo feminino, a literatura com sua verossimilhança tem sido uma importante aliada pelo fato de revelar as particularidades do ser humano com suas mais diversificadas facetas. A literatura retrata e produz o conteúdo dos relacionamentos, expondo muitas vezes, faces mal compreendidas e diferentes das relações humanas.

2.2 Personagens clariceanas

Relatar acerca da estrutura das personagens claricianas não é uma tarefa tão fácil, afinal são personagens “cujos traços individuais apenas emolduram a inquietação que os consomem e que se sobrepõe à identidade pessoal de cada um deles” (NUNES, 2009). E mais, as personagens, segundo o mesmo autor, normalmente são absorvidas por “sentimentos profundos e quase incontrolláveis que os nivelam como pessoas, e que lhes emprestam, o meio geográfico, social e histórico, vago e indefinido, onde se situam uma fisionomia esquemática” (p.117).

Compreende-se então que o espaço e o tempo que os contos foram escritos servem para nos demonstrar aspectos parciais de uma situação bem maior que é o ser humano no mundo na tentativa de descobrir a si mesmo e suas fragilidades, particularidades, solidões, abandono perante o mundo. Pode-se compreender que, o lado existencial dessas personagens com seus conflitos sobrepõe-se ao espaço e tempo geográficos. E mais “o que interessa a Clarice não são os indivíduos em si, mas a paixão que os domina, a inquietação que os conduz, a existência que os subjuga” (NUNES, 2009).

2.3 Mulheres sozinhas em espaços públicos: uma análise dos contos

As personagens claricianas vivem no limiar entre a realidade imposta e a negação de si. Para as personagens se “encaixarem” – aspas nossas, em uma sociedade pensada para o poder e visibilidade masculina, muitas mulheres abandonam a mulher que foram ou que poderiam ter sido, para assim se sentirem pertencentes a uma organização social familiar padronizada.

Essa temática é predominante nas obras da autora em evidência, como exemplo, podemos citar os contos Amor; A bela e a fera; A imitação da rosa; o romance A paixão segundo GH; dentre outros textos produzidos por ela. Essa oscilação entre a realidade socialmente imposta e a sobreposição de um sujeito que se sufoca, provoca uma dualidade no comportamento da personagem.

Segundo Andrade (1994) a autora evidencia a tentativa das personagens em romper com esse comportamento socialmente imposto às mulheres – o que para ele é uma bipolaridade sexual resultante da bipolaridade de papéis patriarcais ao abordar, em seus textos, a questão comum da formação do sujeito na família burguesa, como é o caso do conto Preciosidade

Na obra Preciosidade, a personagem Mafalda fica extremamente incomodada com o barulho que seus sapatos produzem durante o caminhar, logo atraem a atenção de todos aqueles que por perto dela passam. O enredo trata de um tipo de violência pouco discutida: o medo de uma jovem em se tornar mulher, devido à vulnerabilidade social em que essa moça se vê, no

rito de passagem entre a idade juvenil e adulta.

Então subia, séria como uma missionária por causa dos operários no ônibus que poderiam lhe dizer alguma coisa. Aqueles homens que não eram rapazes. Mas também de rapazes tinha medo, medo também de meninos. Medo que lhe dissessem alguma coisa, que a olhassem muito. (LISPECTOR, 1974, p. 83)

Ela precisava acordar cedo para pegar o ônibus para ir à escola que, quase sempre estava cheio de operários. Atravessava uma longa rua deserta para alcançá-lo. Tentava ser o mais invisível possível para que não a olhassem ou falassem com ela, embora alguma coisa nela, à medida que seus dezesseis anos se aproximavam, despertava a atenção; estava tornando-se mulher.

Para ela, tornar-se mulher representava viver de maneira invisível como forma de proteção, ou seja, o tornar-se mulher, nessa contextualização era algo crítico e perigoso para uma adolescente para a entrada cultural e aquisição da máscara sexual (ANDRADE, 1994). Era um alívio chegar à escola, onde tudo se tornava sem importância e mais leve, pois era tratada como rapaz, onde era inteligente: “Até que, enfim, a classe de aula. Onde de repente tudo se tronava sem importância e mais rápido e leve, onde seu rosto tinha algumas sardas, os cabelos caíam nos olhos, e onde ela era tratada como um rapaz. Onde era inteligente.” (LISPECTOR, 1974, p. 85).

Nessa passagem do texto, podemos visualizar a discriminação do gênero feminino, onde, a menina inteligente é tratada como menino porque era inaceitável uma mulher ser mais astuta que o seu dominador, o homem. O mais intrigante é o fato dela se sentir segura e importante sendo tratada dessa maneira.

É perturbador quando evidenciamos, através do texto, como as imposições sociais massacravam o feminino, a ponto de uma jovem abrir mão de sua feminilidade para se sentir segura. Dessa forma, a invisibilidade era uma característica de sua rotina. Vejamos o excerto a seguir:

“Na nova palidez da escuridão, a rua entregue aos três. Ela andava, ouvia os homens, já que não poderia olhá-los e já que precisava sabê-los. Ela ouvia e surpreendia-se com a própria coragem em continuar. Mas não era coragem. Era o dom. E a grande vocação para o destino. Ela avançava, sofrendo em obedecer.” (LISPECTOR, 1974, p. 89)

Porém, em uma manhã fria e escura a garota percebeu que não caminhava sozinha, viu dois homens em sua direção. Pensou em refazer seus passos e voltar correndo para casa, mas decidiu seguir seu caminho, ouvindo o ruído de seus sapatos misturados aos ecos do latejar de seus temores. E, inesperadamente, eles a tocaram, deixando-a paralisada. Ela possuía tão pouco, mas ainda assim eles a haviam tocado. Uma penosa cerimônia travada num encontro violento que a vitimiza.

No momento do confronto com o mundo masculino exterior, ela perde a preciosidade que assinalava sua sintonia com o mundo, passando a cristalizar-se como mulher à sombra do homem na aquisição da linguagem cultural de iniciada. Mas ela sobrevive, tanto quanto o viver à sombra implica a tomada de consciência da sua condição feminina (ANDRADE, 1994, pg. 153).

Dessa maneira, esse conto representa uma tomada de consciência da mulher suscetível à violência, culturalmente induzida para ser discreta e parecer invisível diante de uma sociedade patriarcal que naturaliza a invasão/violência masculina ao corpo feminino. “– Preciso de sapatos novos! Os meus fazem muito barulho, uma mulher não pode andar com salto de madeira, chama muita atenção!” (LISPECTOR, 1960, p. 93).

A temática da náusea e da angústia é relevante para este momento. A náusea no sentido de fato irreduzível, ou seja, nada poderá eliminar tal sentimento na consciência da personagem, pois ela se sentiu irrelevante. A angústia de quem se vê solitário no mundo, com o cotidiano, com sua própria existência, ou seja, um ser numa solidão acompanhada, incompreendido, sem ter a quem recorrer.

Para Nunes (2009, p. 94), através de suas angústias a personagem encontra sua realidade existencial, isto é, ela se refugia no seu cotidiano tentando escapar da angústia que traz consigo, onde tenta proteger-se dos interesses fugidios e limitados que não o satisfazem completamente e apenas disfarçam o cuidado em que vive, passa a existir de modo público e impessoal.

Em termos práticos, a angústia é um sentimento recorrente na personagem com suas inquietudes, sempre a fim de permanecer invisível, longe dos olhos do mundo patriarcal, já que está ciente da sua condição feminina, de silenciamento social, da exclusão; sem voz nem vez para poder perpetrar sua vida à sua maneira.

Já no conto a Língua do P, a personagem protagonista, Maria Aparecida, conhecida como Cidinha, era professora de inglês morava em Minas Gerais, pega o trem para o Rio de Janeiro, para em seguida tomar o avião para Nova Iorque onde iria fazer uma especialização. Aqui, Clarice Lispector nos apresenta a possível realidade de uma mulher independente em contraste com a personagem da obra anterior. Essa representa o rompimento dos padrões sociais destinado ao público feminino – o ambiente doméstico, resumido em cuidados com a casa, filhos e marido.

Nos é apresentado neste conto uma mulher que trabalha, estuda, viaja, procura viver de maneira condizente com o que considera o melhor para si, cheia de projetos em prática. Logo, os personagens que habitam os contos clariceanos são movidos pelo anseio de ser despidos de sua essência individual, o que neles manifestam e se afirmam é uma perturbação insondável

(NUNES, 2009).

A narrativa trata de dois homens que sobem no trem e começam a observar Cidinha. Uma moça sozinha, indefesa, alvo fácil para os olhares masculinos; um objeto de uso. A autora retrata aqui a violência à qual a mulher está exposta, numa sociedade machista, isto é, o fato de estar viajando sozinha, torna-a num ser vulnerável: “...Tomou o trem das sete horas para o Rio. (...) Na próxima estação subiram dois homens que se sentaram no banco em frente ao banco de Cidinha. (...) Eles olharam para Cidinha.” (LISPECTOR, 1974, p. 67)”.

Os dois começaram então a conversar numa linguagem codificada, a moça começou a ficar perturbada e percebeu que conhecia aquela linguagem, a língua do “p”. Eles falaram que na passagem do túnel iriam curra-la (estuprar) e se resistisse a matariam. Cidinha trêmula de medo resolve então fingir-se de prostituta, assim desistiriam, “pois não gostam de vagabunda” (LISPECTOR, 1974, p. 69).

O Eu ameaçado, nesse trecho do conto mostra como a figura feminina vive numa existência absurda, ameaçada a mercê do seu dominador. É nessa densidade que as personagens criadas por Clarice se destacam e de onde retiram a densidade humana que as características (NUNES, 2009). O Eu feminino se esconde e se revela atrás das palavras, no testemunho da escrita da autora, aparecendo assim à fachada do espelho patriarcal que usurpa o direito da mulher: “Então levantou a saia, fez trejeitos sensuais – nem sabia que sabia fazê-los, tão desconhecida ela era de si mesma – abriu os botões do decote, deixou os seios meio à mostra. Os homens de súbito espantados.” (LISPECTOR, 1974, p. 69).

Na frase “desconhecida ela era de si mesma” levanta discursões pertinentes sobre como a mulher é podada em sua sexualidade. Portanto, Clarice mostra como ela é cerceada, limitada no conhecimento do seu corpo de sua sensualidade. Quando a personagem se comporta como prostituta, ela desconstrói o imaginário dos estupradores que se sentem ofendidos diante de uma mulher promíscua e acaba sendo presa e punida por atentado ao pudor.

A sociedade patriarcal machista constrói papéis femininos para a vulnerabilidade, para a fragilidade e, conseqüentemente, para ser passível de violência. A partir do momento em que a mulher rompe esses papéis, ela não serve como sujeito social. Logo, é possível surpreender no texto de Clarice a mulher a descolar-se pouco a pouco da passividade em que se viu tradicionalmente atrelada. (VIANNA, 1994, p. 302)

A mulher sofre violência tanto física quanto simbólica. A mulher é apresentada como um corpo permissível e passivo para o outro. Um corpo sexualizado para fetiche e uso masculino, mas, ao mesmo tempo, a mulher não pode ser autônoma como sujeito que deseja ou sujeito erótico por si mesmo. A mulher deve ser um objeto, propriedade do outro.

Essa construção é extremamente nociva, o corpo é erotizado e ao mesmo tempo casto. Uma visão de mundo que produz violência contra as mulheres, porque a partir do momento que a personagem rompe com esse padrão do corpo passivo, do objeto permissível, ela passa a ser a vagabunda no olhar masculino dominador, uma mulher que não se dá ao respeito, que se deixa ser tocada por prazer, e o homem censura a mulher privando-a de ter prazer:

“O maquinista desceu, falou com um soldado por nome José Lindalvo. José Lindalvo não era de brincadeira. Subiu no vagão, viu Cidinha, agarrou-a com brutalidade pelo braço, segurou como pôde as três maletas, e ambos desceram. (...) Cidinha não sabia como se explicar ao polícia. A língua do “p” não tinha explicação. Foi levada ao xadrez e lá fichada.” (LISPECTOR, 1974, p. 71)

A prisão da personagem representa uma violência imposta à mulher que faz o que quer com sua vida e com seu corpo, daí a prisão como reclusão, para se tirar do espaço público, social, esse ser perigoso para outras mulheres e para a sociedade.

Nota-se também a insensibilidade, a indiferença social de mulheres para com outras mulheres. Nenhuma das outras mulheres que perpassaram pelos contos se sensibilizou com as vítimas: “Na pequena estação pintada de azul e rosa estava uma jovem com uma maleta. Olhou para Cidinha com desprezo. Subiu no trem e este partiu.” (LISPECTOR, 1974, p. 69).

Essa solidão e incompreensão levam muitas mulheres à morte. Como o que aconteceu com a jovem do conto. O que levam as mulheres a julgarem negativamente a mulher em relação ao seu corpo, é uma cultura dominante machista que sedimentam papéis definidos para o comportamento feminino. “Em manchete negra estava escrito: Moça currada é assassinada no trem (LISPECTOR, 1974, p. 70)”.

A autora diz de forma implícita como a sociedade machista silencia a mulher, deixando-a vulnerável, em situação de risco. O discurso feminino confere particular destaque a práticas de opressão em que a mulher ocupa o lugar de vítima. A mulher está para além do corpo, das vivências de opressão e das marcas sexuais

3 CONCLUSÃO

As obras de Clarice Lispector nos proporcionam diversas abordagens, com diferentes temáticas. Neste trabalho, abordamos o fazer literário sobre a representação da mulher na literatura, trazendo questionamentos e reflexões acerca das imposições sociais. Tais indagações e reflexões perpassam toda a produção clariciana, levando o leitor a refletir sobre questões sociais e políticas.

Os contos estudados carregam em si as imposições voltadas nas exigências do corpo, sexualizado, erotizado: do corpo como objeto fazendo com que as mulheres desejem ser invisíveis ou deixarem de ser o que são. Clarice Lispector aborda questões pertinentes para a atualidade, obras escritas no século XX, ainda vivenciadas no século seguinte, revelando-nos que a sociedade atual continua opressora¹.

A autora traz no conto A língua do “P” uma representação de uma mulher que rompe com valores tradicionais, não aceita as ordens e resiste às imposições, buscando a realização de seus ideais, lutando contra as violências de caráter físico e moral da sociedade.

No conto Preciosidade, a jovem protagonista representa a mulher em um papel de completa insegurança, tanto na afirmação de sua classe feminina, quanto na sua transformação do corpo que se dá pela puberdade. A narradora fala da preciosidade tão preservada pela garota, que é a virgindade, porém, a personagem se dá conta do seu amadurecimento sexual, tentando de todas as formas modificá-la, pedindo que compre sapatos novos, menos barulhentos para que consiga permanecer invisível.

Desta forma, Clarice Lispector através dos contos estudados apresenta a mulher de forma franca, tomando consciência de sua condição de oprimida, evidenciando uma luta em que mesmo gritando não se é ouvida, o que caracteriza um silenciamento sufocante. Assim, podemos verificar uma crítica sutil sobre as condições impostas para que a mulher viva nessa sociedade, na qual predominantemente o homem é visto como naturalmente com direito ao poder, restando ao corpo da mulher, apenas a obediência.

Em suma, Clarice Lispector em sua escrita problematiza o mundo de forma sutil, mantendo em sua linguagem as vibrações inquietantes, cheias de sobressaltos e silêncios,

¹ Uma confirmação disso é a estatística da Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher que constatou que o nosso Estado, o Tocantins, nos últimos quatro anos, ocupa o segundo lugar do ranking dos estados brasileiros de violência contra a mulher, que é submetida à violência sexual, física, psicológica, moral e cárcere privado. Essa, comprovação, evidência como a sociedade continua patriarcalista, o que acaba ocasionando na mulher, um estado de angústia existencial, que deveria levar a uma tomada de consciência, porém, leva a fuga, que, como meio mais cômodo para se conseguir continuar vivendo, se refugiam no cotidiano, disfarçando um viver sem existência.

colocando no leitor um olhar de sensibilidade que muitas vezes não tem.

REFERÊNCIAS

ÀVILA, P. de. “Posfácio”. In: Campos, Haroldo. **O dorso do tigre**. São Paulo: Editora 34, 2009.

BRANCO, LC; ANDRADE, AL; VIANNA, LH. **Trocando ideias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

GOTLIB, N.B. **Os difíceis laços de família**. In: Cadernos de Pesquisa. São Paulo, 1974.

HOLLANDA, HB de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HELENA, L. **Nem musa nem medusa: itinerários da escrita de Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997.

LISPECTOR, C. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: J. Olympio: Civilização Brasileira, 1974.

LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: J. Olympio: Civilização Brasileira, 1994.

LEITE, D. M. **A realidade americana na literatura**. Psicologia USP, v. 11, n.2, 2000.